



Apresentação

Quando do planejamento do nº 41 da revista Significação não estava em nosso horizonte concluí-la na ausência de Paula Pereira Paschoalik e de Eduardo Peñuela Cañizal. No entanto, Paula nos deixou em janeiro, Eduardo partiu em abril. Duas perdas insubstituíveis e duas marcas indeléveis na história da revista: uma de longo percurso, próximo de uma relação atávica; outra de uma presença intensa e irradiadora.

Ao professor Peñuela a revista deve sua longa vida: são 40 anos de existência graças à luta aguerrida de quem nunca hesitou diante dos desafios – e uma revista científica enfrenta muitos. À Paula a revista deve a transformação ao processo eletrônico de editoração e interação com os colaboradores. Honrar o brilhantismo teórico e crítico de Eduardo Peñuela, bem como a eficiência e simpatia de Paula, são desafios que a revista enfrentará no seu cotidiano daqui para frente.

Ainda que o desafio seja grande, o aprendizado adquirido nesses anos de convivência da equipe editorial com pessoas tão generosas servirá de alento e esperança, como todo signo que se sabe in mobile continuum. O primeiro passo do movimento em honra da obra do mestre Eduardo Peñuela será assunto do próximo número de Significação. Por isso, não vamos alongar nossas palavras num gesto de homenagem pontual, mas vamos firmar nosso compromisso em honrar a revista em sua presença e naquilo que a alimentou ao longo dos 40 anos de sua existência: o fomento ao debate crítico e teórico sobre os temas relevantes na área de sua competência.

A presente edição assumiu o compromisso de refletir em seu Dossiê sobre o tema da Crítica Audiovisual tal como foi proposto na chamada de trabalhos. Nela se interrogava sobre o potencial de análise das produções audiovisuais face a sua presença, cada vez mais acentuada, na vida histórico-cultural. Como resposta, apresentaram-se trabalhos em que a análise crítica não se faz senão por meio de enfrentamentos das condições em que se



desenvolvem o regime audiovisual, seja do ponto de vista dos instrumentos tecnológicos, seja do aprimoramento da condição perceptual comparativa. Com eles foi possível compor o Dossiê em que a crítica audiovisual se manifesta em função metacrítica, particularmente no que diz respeito ao trabalho qualificado com arquivos, gravações, reproduções tecnológicas sem as quais nenhuma análise seria possível. Com isso, insinua-se um viés de análise crítica fortemente orientado por uma perspectiva de relações histórico-culturais e estéticas de modo a alcançar os produtos culturais em transformação.

Ao confrontar acervo de gravações, arquivos digitalizados e a composição da novela Beto Rockfeller, Esther Hamburger examina não apenas a narratividade contemporânea do “folhetim eletrônico”; explora também sua integração à paisagem urbana em interação com o cinema novo da época, com as relações sociais de gênero emergentes e com a nascente sociedade de consumo nos anos de 1960. Se a telenovela assim examinada deixa à mostra os embates do próprio gênero, não seria diferente com as experiências contemporâneas dos chamados seriados. Carlos Gerbase examina como os roteiristas aprenderam a aprimorar suas estratégias narrativas a partir do momento em que dimensionaram o potencial cognitivo do espectador. Aprendizado que traduz o enfrentamento de desafios não restritos à produção ficcional, como procura entender Fernanda M. da Silva em sua análise da crítica televisual de Artur Távora e sua luta para a construção de um discurso jornalístico de qualidade no ambiente tecnológico de rede a partir dos anos de 1970. Também é no âmbito da televisão que Afonso M. S. Barbosa e Antonio M. Magalhães discutem o caráter metaficcional da produção cinematográfica de Guel Arraes, contudo, num diálogo que soube tirar proveito do que aprendera com as narrativas na sua expressão mais ampla. Numa mesma linha, contudo, explorando o contexto teórico, Ana Maria Balogh revisita a construção de imagens pictóricas que visam a transmutação em termos de sentidos perceptivos, dimensão para a qual a crítica das obras audiovisuais sempre dedicaram particular atenção, sobretudo quando se trata de dimensionar as linguagens envolvidas. Com isso, quando se depara com o estudo de Marina C. Tedesco sobre a construção fotográfica em filmes



segundo a perspectiva do gênero, reforça-se o caráter sensorial de procedimentos estruturais que excedem o nível técnico. A crítica audiovisual se mostra desenvolver não apenas em relação como também em compromisso com as diferentes esferas de composição de seus objetos. Assistimos a um cuidadoso aprimoramento de estudos da produção acústico-sonora não apenas no cinema como também em videografias contemporâneas. Lemos no trabalho de Fernando M. Costa as relações entre silêncios e vozes em filmes e na análise de Sonia Montañó e Suzana Kilpp os experimentos de videografias em plataformas de compartilhamento on-line. Com isso, o leque dos objetos que entram para o âmbito da análise crítica se diversificam bem como os próprios instrumentos teóricos são redimensionados.

Na seção de Artigos, experimentos audiovisuais pontuais são submetidos a análises que acabam configurando outros cenários críticos. Retrato de trabalhadores no filme de ficção; as representações fotojornalísticas do Oriente; a ficcionalização de personagens de quadrinhos e filmes na vida juvenil cotidiana; e a circulação de imagens no youtube são os temas examinados.

O volume conta ainda com a resenha de duas obras: o livro de Gilberto Mendes sobre a música no cinema e o livro organizado por Suzana Kilpp e Gustavo Fischer sobre as imagens técnicas na cultura contemporânea.

Os trabalhos aqui reunidos foram inicialmente lidos e avaliados pela seguinte equipe de pareceristas: Andrea França, Cláudia Pereira, Cláudio Aguiar Almeida, Daniela Oswald Ramos, Fábio Sadao Nakagawa, Gustavo Souza, Maurício Ribeiro da Silva, Rafael Duarte Venâncio, Regiane M. O. Nakagawa, Roberta Veiga. Nossos respeitosos agradecimentos a todos.

Eduardo Morettin

Irene Machado